



Carta do Superior Geral
no 150º ano aniversário da morte
do Pe. Fundador (12 de Junho 2002/03)

Sejam meus imitadores
como também
eu o sou de Cristo

São Gaspar Bertoni

Um Santo para a Igreja

O Santo para a vida Estigmatina



ÍNDICE

Título	Pág.
Premissa.....	3
Introdução.....	5
I – Um Santo para a Igreja.....	6
1. Fé na Presença de Deus.....	6
2. Abandono filial em Deus.....	8
3. Homem de sofrimento.....	10
O Sagrado Coração.....	12
Oração.....	12
4. Amor à Igreja.....	13
Com mansidão e alegria.....	13
Na reta doutrina.....	13
Consolidando através da caridade.....	13
5. Espiritualidade Esposal.....	15
II – São Gaspar Bertoni, Santo para nossa Família Religiosa.....	17
1. A Comunidade dos Estigmas.....	17
2. Nossa Consagração a Deus nos Votos.....	21
3. O Ardor Missionário e a Generosidade no Apostolado.....	23
A. Missionário dos Jovens.....	24
B. Missionário do Clero.....	25
C. Missionário Apostólico.....	25
4. O Apóstolo da Cultura.....	27
Conclusão.....	29

PREMISSA

Caros confrades,

no dia 12 de junho de 2002 terá início a celebração do Sesquicentenário da morte de nosso fundador, São Gaspar Bertoni, que se concluirá na mesma data do próximo ano.

É uma ocasião propícia, um “tempo” santo que Deus concede à nossa Congregação para louva-lo pelas maravilhas que realizou em São Gaspar, sinal de santidade para toda a Igreja e pai de nossa vida religiosa.

É um tempo adequado para redescobrir o nosso espírito estigmatino nas suas fontes genuínas.

É um tempo propício para apresentar e propor àqueles que partilham da nossa vida (leigos e colaboradores) um modelo de vida e santidade.

O último Conselho dos Superiores, realizado em Brasília em junho de 2002, estimulou todas as províncias a organizar modos, meios e iniciativas adequadas às diversas regiões e continentes para celebrar este centenário.

Retorno agora àquela indicação para encaminhar um especial “**Ano Bertoniano**”.

Convido todas as Províncias a iniciarem este caminho que nos coloca diante do espírito daquele que, em nome de Deus, deu vida a esta Congregação.

Aproveito para apresentar algumas sugestões:

- Que cada confrade retome pessoalmente durante este ano o estudo, a leitura da vida do Fundador e de seus escritos. Para alguns, provavelmente, a “formação bertoniana” ficou restrita ao tempo do noviciado ou da teologia, e a vitalidade dos exemplos de Bertoni e o eco das suas palavras ficaram distantes ou quase desapareceram.
- Uma Programação provincial que ofereça oportunidades de estudo destes textos (por ex: “semana bertoniana”).
- Algumas províncias procurem traduzir na própria língua textos bertonianos essenciais de modo que estejam disponíveis àqueles que querem aprofundar a riqueza da espiritualidade de São Gaspar. Seria útil a reimpressão de alguns escritos importantes.
- Realização de encontros, de estudos, palestras, celebrações paroquiais ou diocesanas, peregrinações.

- Organizar momentos formativos para os leigos que partilham a nossa vida: apresentação aprofundada da vida do fundador, da sua espiritualidade, aproveitando as indicações do último capítulo geral. (Cito como exemplo os encontros realizados no Brasil com os leigos da família bertoniana).

Muito mais que manifestações externas, Deus nos oferece a oportunidade de um esforço geral da Congregação em aprofundar e viver a santidade do nosso Fundador.

Por isso quero iniciar este ano do centenário Bertoniano com esta reflexão.

As páginas que compõem esta carta visam estimular-nos neste objetivo. Agradeço a Pe. Bruno Facciotti que me ajudou a organiza-la (sobretudo pelas citações de textos bertonianos).

Iniciarei este ano centenário no dia 12 de junho de 2002 com a visita às comunidades da Tanzânia, Botswana e África do Sul, para indicar a realização concreta do lema de São Gaspar, *“Euntes Docete”*, e encerrá-lo-ei na Igreja dos Estigmas junto ao corpo de São Gaspar, para reafirmar a fidelidade às nossas raízes e para pedir a sua intercessão pela Congregação Estigmatina.

Introdução

“O espírito abençoado de Pe. Gaspar Bertoni desligou-se suavemente do corpo e foi desta a uma vida melhor sem que o sacerdote que rezava e nem os outros que estavam ao seu lado com muito amor percebessem. Pe Gaspar Bertoni morreu assim – escreve Pe. Giacobbe – na idade de 75 anos, 8 meses e 3 dias, cheio de méritos. No domingo, dia do Senhor, expirava serenamente nos braços do Senhor, às 15:30 horas do dia 12 de junho de 1853.”

(Gaetano Giacobbe, *Vida de Bertoni, SA*)

Passaram-se 150 anos daquela tarde de domingo.

Esta é uma data que nos propõe de novo, com alegria e força, uma obra-prima de graça e correspondência, um modelo do qual devemos nos aproximar sempre mais, a fim de conhece-lo e imita-lo.

É um tempo, para nós e para todos, de contemplar as maravilhas de Deus realizadas nos seus santos e agradece-lo e glorifica-lo com toda a Igreja.

Esta reflexão não tem a pretensão de ser um tratado sobre a espiritualidade do nosso Fundador, nem de ser exaustiva na descrição de suas virtudes. É uma homenagem afetuosa de um filho ao pai. É uma oportunidade para nós, estigmatinos, de aproveitar este momento de graça para aprofundar, conhecer mais, amar e imitar aquele que deu vida à nossa família religiosa.

O texto é constituído de dois grandes capítulos:

- São Gaspar e a Igreja: algumas características de sua espiritualidade dirigidas a todos.
- São Gaspar e os estigmatinos: destaques importantes.

I – UM SANTO PARA A IGREJA

Quando se faz uma afirmação como “um santo para a Igreja”, pode parecer que se quer fazer publicidade de São Gaspar, quase deixando transparecer uma certa inveja de santos mais famosos e populares. Ou então que se deseja coloca-lo em evidência, ele, que sempre foi modesto e humilde. Enfim, parece que nos desagrada o fato de ele ter sido “muito humilde”, mesmo depois que foi declarado solenemente santo.

Estou convencido de que São Gaspar, na sua vida, foi um ponto de referência para tantas pessoas importantes e menos importantes, e era considerado por muitos um santo, ainda hoje testemunha o poder de Deus que realizou grandes coisas nele.

A vida e a mensagem de São Gaspar não perderam a sua força com o tempo. Ele é filho de sua época, condicionado culturalmente, mas sua herança vale para todos os seres humanos. Cada um é inserido em um tempo e espaço determinados. Todos somos frutos do tempo e do lugar em que vivemos e transmitimos uma mensagem de alguém que viveu, e isto ultrapassa nossos limites e permanece como riqueza da Igreja e da humanidade. É esta riqueza que queremos contemplar e sentir como nossa.

São Gaspar viveu em uma época marcada por grandes mudanças radicais: a revolução francesa, guerras, a destruição de impérios e o nascimento de novas nações, a Igreja perseguida, a primeira industrialização e questões sociais. Ele foi testemunha das mudanças e do pensamento que caracterizaram a Europa do seu tempo: 1789, início da Revolução Francesa; 1848, ano do Manifesto Comunista de Karl Marx. E até mesmo apoiou o movimento contra as idéias revolucionárias que vinham da França.

Pe. Gaspar não ficou observando os acontecimentos através da janela como um espectador passivo. Foi um protagonista ativo, organizador dos oratórios marianos, ponto de referência a centenas e centenas de crianças e jovens, estudioso empenhado culturalmente, reformador do clero, homem de Deus, com o coração em Deus e os pés na terra, comprometido e promotor de iniciativas em prol dos cidadãos. Enfim, ele foi alguém que participou ativamente de sua época. Daí podemos perceber o quanto é eficaz a mensagem do evangelho proclamada por alguém que o vive e o testemunha.

O mundo de hoje necessita ainda mais desta mensagem que ele viveu e anunciou com tanta esperança e alegria.

1. FÉ NA PRESENÇA DE DEUS

Em uma época em que os homens se empenhavam em viver a vida com suas próprias forças, sem a ajuda de Deus, confiando na deusa razão ou na violência das armas e no desenvolvimento social, São Gaspar denunciou a desordem moral e as injustiças que se realizavam em nome dos novos ídolos. Denunciou e anunciou. Falou e agiu. Mas onde São Gaspar foi buscar a esperança e a alegria?

A fé lhe deu olhos para ler a história em profundidade e numa perspectiva futura. Uma verdade o sustentava: Deus está presente e cuida para que a sua palavra, o seu projeto de salvação se realize (cf. Jer 1,12). A história da humanidade é uma “História Sagrada”, construída pelas mãos dos homens e guiada pela providência de Deus.

Como são numerosas as palavras de Bertoni reconhecendo nos acontecimentos da vida a trama, a forma como era tecido o imenso mosaico maravilhoso da redenção. Diz São Gaspar:

“Como os caminhos de Deus são diferentes dos caminhos dos homens! Que fossem bem compreendidos, quando necessário, como a Abraão pai de todos os fiéis, que acreditou contra toda esperança. Felizes os que fecham os olhos de sua curta visão, onde a sapientíssima mão de Deus toma a nossa para nos guiar e conduzir!”

(Ep. p. 198, n. 9716; carta 7 ao Bragato)

“Que língua pode realmente louvar a Deus quanto Ele merece, e relatar o amor com que nos ama e o cuidado diligentíssimo que tem para conosco, maior ainda que o da mãe para com seus filhos! Acostumemo-nos bem, neste dia de luz, com que Deus nos consola, revelando para nós sua face amável, a confiar totalmente em Deus, mesmo nos momentos em que se esconde, quase como a mãe que se diverte com seus filhinhos, tendo o prazer de se fazer procurar e desejar e chamar com suspiros ou até com lágrimas. Oh, bendito este nosso Pai! O que não fará conosco no céu, depois de vencidas todas as provas, se já agora demonstra tanta e tão terna benevolência?”

(Ep. p. 197, n. 9712; carta 7 ao Bragato)

“Quem confia em Deus não fica confuso, nem volta com o rosto vermelho de vergonha. E, por outro lado, Deus nosso Senhor, às vezes, fez com que as coisas se realizem por um caminho diferente daquele que esperávamos, para que se saiba que se o Senhor não edifica a casa, em vão trabalham os construtores.”

(Ep. p. 157, n. 9576; carta 153 a Naudet)

“Dizia Davi: ‘Vi as tuas obras e fiquei maravilhado’. Se caminhássemos com diligência, todos juntos, nós também veríamos obras tão magníficas realizadas pela mão direita de Deus, que ficaríamos não só admirados, mas fora de nós, oprimidos pelo espanto e pela força da admiração. ‘Quão grande, ó Senhor, é a tua bondade! Tu a reservas para os que temem a ti’.” (Sl 31,20)

(Ep. p. 35, n. 9779; carta 19 a Naudet)

“Assim Deus prepara os seus caminhos, deixando que os homens compliquem os deles. É preciso ter grande fé e paciência, e nada mais é preciso para ver as obras magníficas da Divina Providência.”

(Ep. p. 45, n. 9215; carta 26 a Naudet)

A presença de Deus na história do homem e, portanto, da própria vida, causava-lhe experiência viva da presença do Senhor, como se fosse uma presença física, visível, que se pode tocar e experimentar.

Muitas vezes São Gaspar fez referências no seu *Memorial Privado* sobre sua experiência da presença de Deus.

- Depois da Missa, durante a ação de graças, um sentimento mais vivo de fé na presença de Nosso Senhor e muita confiança...

(Memorial Privado 11.07.1808)

- Lendo eu algo sobre a presença interior de Deus, isto é, ‘se Ele está dentro de nós não há necessidade de sair fora para procura-lo’; e como diz S. Tomás, ‘se alguém tem comida em casa, e assim mesmo vai procura-la fora, faz mal porque sempre continuará em jejum’; provei com isto muito sentimento e grande recolhimento, que durou algum tempo depois, ainda que, como de costume, tenha me distraído um pouco; mas o grande desejo de agradar em tudo sua Divina Majestade continuou.

(Memorial Privado 13.10.1808)

- Na Missa inspirações breves, mas vivas, grande sentimento da presença divina, confiança, amor, desejo de me transformar nEle e que Jesus viva em mim, não mais eu. Depois da Missa terminou esta graça de comunhão; mas retornou, como quando estava na Igreja, durante o trajeto que percorri para realizar negócios da família.

(Memorial Privado 25.10.1808)

Falando aos acólitos, exortava-lhes a viver sempre unidos a Deus, presente em todos os lugares:

“Estais na escola, e o coração em Deus; estais na Igreja a servir, e o coração em Deus; cantando, à mesa, passeando, rezando, estudando, dormindo, e o coração em Deus.”

(Primeira Instrução)

Quantos hoje não sentem mais a presença de Deus na própria vida e nos acontecimentos do mundo. O nosso mundo e o nosso tempo trazem nas entranhas o racionalismo revolucionário do século passado. Guiado por um espírito secularizado, o homem moderno decidiu tomar sua vida nas próprias mãos, confiando exclusivamente no desenvolvimento da ciência, no progresso tecnológico e na pesquisa. Mas, depois de andar sem rumo, encontra-se no ponto de partida com as perguntas fundamentais da inquietude humana: quem sou, aonde vou, qual o sentido da minha vida. Muitas vezes nos agitamos num correr sem fim e esquecemos os valores fundamentais da vida. As almas dos santos são propriamente tais porque, no desenrolar dos acontecimentos, sejam eles tristes ou alegres, elas são capazes de, com fé, visualizar a trama dourada de Deus que conduz a vida de cada um e a vida da humanidade. “Tu me teceste no seio materno.” (Sl 139,13)

2. ABANDONO FILIAL EM DEUS

A característica mais importante da espiritualidade – *o abandono filial em Deus* – nasce da fé profunda que São Gaspar tinha da presença de Deus que conduz a história da humanidade, da Igreja, da sua própria vida.

Todos os que conheceram São Gaspar pessoalmente, ou através dos seus escritos, são unânimes em afirmar que o abandono nas mãos de Deus foi a atitude que marcou toda a sua existência.

Era uma espiritualidade muito difundida no ambiente francês de 1700-1800. Santo Inácio de Loyola, São Francisco de Sales e outros mestres do espírito o conduziram a confiar completamente na divina vontade, em todos os momentos, sem colocar obstáculos.

Com uma fé como a de Abraão, São Gaspar buscava aquilo que agradava a Deus e conduzia à sua glória, na oração, na meditação, na celebração das Missas, convencido de que é preciso seguir o Senhor, sem jamais precedê-lo. Esperava o sinal, o chamado, o convite de Deus que fala através das pessoas ou dos acontecimentos e, depois, prontamente e generosamente obedecia.

Os Santos Esposos são modelos de santo abandono, de entrega confiante da própria vida a Deus, porque se colocaram completamente à disposição de Deus para a realização de seu projeto de salvação.

O Santo Abandono é a resposta ao amor de Deus, pai amoroso e dulcíssimo; é caminho nas estradas da esperança, fundada sobre a providência divina; e que produz alegria e serenidade no coração de quem confia em Deus.

São Gaspar nos ensina a acolher o dom da fé integralmente e a confiar em Deus e não em nós mesmos.

“Feliz é o homem que confia no Senhor (Sl 40,5). Como é consoladora a palavra do Senhor! A sua bondade, a sua sapiência, o seu poder, tudo o que é Seu Deus coloca em auxílio de quem deposita a sua confiança nele. Este será verdadeiramente abençoado! O que poderá faltar para quem habita sob a proteção do Altíssimo? Releia com atenção o Sl 40 e também você concordará com São Paulo dizendo que ‘na esperança fomos salvos’ (Rm 8,24).”

(Ep. p. 199, n. 9717; carta 8 ao Bragato)

“...Confiemos em Deus, que é uma confiança segura, desconfiando totalmente de nós.”

(Ep. p. 199, n. 9719; carta 21 a Naudet)

“Pouquíssimos são os que entendem o que Deus faria com eles (não o que eles fariam com as próprias forças) se não fosse por eles impedido nos seus desígnios”.

“Finalmente, tudo se reduz a uma fé viva e a uma oração incessante.”

(Ep. p. 38, n. 9189; carta 21 a Naudet)

“... Eu não devo nem quero refletir, porque seguramente me convém dizer com todo o afeto: ‘Seja feita a vossa vontade’ (Mt 6,10). ‘Como os olhos dos servos estão fixos nas mãos do seu Senhor’. (Sl 123,2).”

(Ep. p. 11, n. 9099; carta 2 a Naudet)

“E, de fato, percebe-se que o Senhor quer que nos recordemos dele e nele esteja constantemente concentrado todo o nosso pensamento e afeto. E, se por isso esquecermos outras coisas, ou ele nos fará lembrar delas ou, com sua providência, conduzir-nos-á a coisa melhor do que poderíamos fazer com toda a nossa lembrança e pensamento. Enfim, somos sempre zelosos quando amamos Deus.”

“Feliz é aquele que se perde neste abismo! Que se atira com coragem e naufraga neste oceano! Uma criança não está mais segura do que quando, adormecida no colo da mãe, abandona todo pensamento e cuidado de si mesma. Ela não vê, não ouve e não fala. Mas por ela vê, ouve e age sua mãe. E a mãe, quando quiser, pode acordá-la, porque está próxima dela. Lembre-se destas duas palavras de Nosso Senhor: a primeira, *sem mim nada podeis fazer*. E a outra, *tudo posso naquele que me dá força*.”

“Esteja, pois, sentada a esperar a abundância do Espírito e do Amor, segundo o mandamento de Cristo; e revestida, então, da força do alto, verá o impossível.”

(Ep. p. 58, n. 9257 e 9258; carta 27 a Naudet)

“Ó admiráveis segredos do Amor divino! Ó profundos abismos da sua caridade! Quando, finalmente, conseguiremos nos sentir naufragos e abandonados às ondas deste imenso mar, a ponto de não conseguir enxergar a praia desta nossa pobre terra? ‘Feliz o homem que nele se abriga.’ (Sl 34,9)”

“Quanto a mim, creio sinceramente estar disposto a IR, se ele me disser VÁ; a VIR, se ele me disser VENHA.”

“Parece-me que o Senhor queria que eu tivesse esta lição bem gravada no ouvido, quando, estando eu gravemente enfermo nos dias passados, fazia-me dizer, todas as tardes, pela boca do meu antigo mestre, Pe. Fortis, aquela excelente oração que eu acompanhava com o coração: *Recebei, Senhor, pelas mãos de S. Inácio, toda minha liberdade etc. Dai-me vosso amor e vossa graça, e serei feliz e satisfeito, e nada mais precisarei*.”

(Ep. p. 12, n. 9103 e 9104; carta 3 à Naudet)

É muito difícil viver à perfeição a atitude de abandono filial a Deus. O homem de todos os tempos corre o risco de buscar a independência de Deus e fazer escolhas erradas, desvinculando-se das indicações vitais que o Senhor lhe dá. Além disso, hoje a religiosidade impulsiona muitos a escolher a verdade que produz comodidade, a criar-se uma religião para estar bem com si mesmo, instrumentalizando Deus ou procurando ouvir de dentro do coração a voz interior que lhe indique seu caminho espiritual. Cada um se torna “mestre interior” de si mesmo, “deus” de si mesmo. O relacionamento de filho e criatura com o Deus de Jesus Cristo restringe-se perigosamente a emoções gratificantes.

3. HOMEM DE SOFRIMENTO

O capítulo da vida de São Gaspar que trata do sofrimento é iluminado pelo confiante abandono em Deus.

Como a todos os homens, a vida de São Gaspar também foi marcada por sofrimentos de vários tipos.

Ainda criança sofre com a morte da irmãzinha Matilde. A difícil situação familiar vivida em casa lhe marca a alma muito sensível. A sua juventude e os primeiros anos de sacerdócio foram marcados pelas atrocidades da guerra, da carestia, os doentes e os feridos que assistiu como voluntário nos hospitais.

Sofria muito com os acontecimentos da Igreja perseguida e suas divisões internas. O drama da separação dos pais e a morte da mãe durante o período do diaconato e início do sacerdócio. A corrupção da sociedade e dos jovens dilaceraram-lhe o coração de tal maneira que o fazem gritar:

“É impossível, nos dias de hoje, que as crianças, os jovens e as jovens não aprendam desde cedo todo tipo de malícia. Primeiramente se conhece o mal e depois o experimenta pessoalmente. Pobre inocência!... Eu não consigo mais suportar no meu ânimo uma dor tão viva, cruel e contínua.”

(Ms 1443 – 1449)

É sobretudo no plano da doença física que o caminho da santidade de São Gaspar se torna mais característico. Em maio de 1811 Jesus lhe fala e o convida a segui-lo na estrada estreita, preanunciando o sofrimento:

“Inicia um caminho espiritual mais estreito e de penitência. Eu poderei esquecer os seus pecados, e te mostrarei o quanto sofrerás por causa do meu nome. Pouquíssimos são os que compreendem o quanto Deus neles realizaria, se ele não encontrasse obstáculo a seus desígnios.”

(Memorial Privado 18.05.1811)

A doença quase o leva ao fim da vida em outubro de 1812. Recuperado, pela graça de Deus, o Crucificado lhe mostra o seu coração.

Acusas e calúnias em relação à Escola dos Estigmas e à sua comunidade. Muitas vezes imobilizado no quarto ou obrigado a submeter-se a cirurgias dolorosas na perna direita, sem anestesia, encontra forças para suportar tudo na oração. Há dias em que sente o limite de sua humanidade.

Principalmente em suas cartas, São Gaspar se nos apresenta como mensageiro da esperança. A situação de sua saúde precária o submerge no oceano da dor e, com simplicidade, ele manifesta a sua firme fé no amor de Deus para com ele e a dificuldade em suportar a dor.

“Estou melhorando lentamente. Reze a senhora, por caridade, para que eu tire fruto da escola que o Senhor se digna dar-me, de modo que eu me disponha a servi-lo.”

(Ep. p. 67, n. 9283; carta 45 à L. Naudet)

“Parece que a Divina Providência, se não é a minha pouca fé, me queira, vez por vez dar aquela pouca saúde que me é necessária para continuar a viver e trabalhar um pouco. Tem razão, e não uma, mas mil.”

(Ep. p. 127, n. 9464; carta 109 à L. Naudet)

“O Senhor me mantém no leito debaixo de ferros e bisturis. Bendito seja! Bendirei o Senhor em todo o tempo. Basta-me que Ele seja servido. Peço-lhe, porém, as suas orações, para que Deus continue dando-me paciência.”

(Ep. p. 130, n. 9475; carta 114 à L. Naudet)

“..., e eu procurarei cuidar da minha saúde. No espírito, porém, estou bastante confortado, mas não é senão culpa minha se às vezes me encontro abatido, tendo um Senhor tão bom! Que seja bendito para sempre! A bondade dele é uma contínua confusão à minha malícia.”

(Ep. p. 43, n. 9207; carta 25 à L. Naudet)

“Eu demorei a responder para ver se o tempo me fizesse melhorar. Infelizmente, a doença se agrava. Apenas desço para rezar a Missa, não sem muito incômodo, e por três vezes quase me aconteceu um acidente no altar. Depois não volto a descer as escadas, senão na sexta-feira por grande necessidade. Agora começam a chamar-me a atenção se vou muitas vezes ao quarto do Pe. Marani para vê-lo e falar-lhe de coisas necessárias. De fato, a perna incha e, nos dias em que caminho pelos quartos, custa-me a carregá-la; e não quereria acabar por voltar ao leito um pouco mais tarde. Mas seja feita a tua vontade!”

(Ep. p. 151, n. 9551; carta 145 à L. Naudet)

“... Quando, pois, é noite para nós, é dia claro para Aquele que conhece o que é para fazer. E nós devemos erguer as nossas mãos aos céus quando não sabemos onde coloca-las, e nem o que melhor pedir a Deus.”

(Ep. p. 159, n. 9582; carta 157 à L. Naudet)

“Uma criança não está mais segura do que quando, adormecida no colo da mãe, abandona todo pensamento e cuidado de si mesma. Ela não vê, não ouve e não fala. Mas por ela vê, ouve e age sua mãe. E a mãe, quando quiser, pode acordá-la, porque está próxima dela. Lembre-se destas duas palavras de Nosso Senhor: a primeira: *sem mim nada podeis fazer*. E a outra, *tudo posso naquele que me dá força*.”

(Ep. p. 58, n. 9258; carta 36 à L. Naudet)

A participação aos sofrimentos de Cristo em favor da Igreja impulsionou São Gaspar a contemplar o Coração de Cristo, transpassado pelos nossos pecados e cheio de amor a ser derramado sobre os pecadores, **fornalha ardente** de misericórdia e de ternura por todos.

Encontramos a chave de leitura para os seus sofrimentos no final de sua vida, quando o enfermeiro se curvou sobre ele e sussurrou: “Padre, precisa de alguma coisa?”. “Preciso

sofrer”, foi a resposta dos seus últimos anseios. O desejo de conformar-se a Cristo Crucifixo tinha sido o centro de todas as suas aspirações.

Relendo algumas notas do seu *Memorial Privado* e trechos do *Panegírico ao Sagrado Coração*, encontramos o eco do seu desejo de participar à paixão de Cristo, em favor do seu Corpo, a Igreja.

“Rezando antes da Missa e sentindo um pouco de sono, ouvi uma voz saída da crucifixo dizer-me ao coração: *Contempla este meu Coração*. Este pedido iluminou-me, subitamente, a inteligência, e proporcionou-me um grande e imprevisito ardor no coração... A conseqüência disto tudo foi a presença de terníssima devoção ao Sagrado Coração e de um respeito amoroso durante a Missa. A alma se expandiu em doces lágrimas durante a santa comunhão. Depois, grande recolhimento e suavidade que duraram o dia todo, além da prática esmerada das três virtudes teológicas.”

(Memorial Privado 30.05.1812)

O Sagrado Coração

Podia a Igreja encontrar um símbolo mais feliz do amor? O coração é quase universalmente visto como o símbolo do amor. Em quase todas as culturas, poetas e pintores, escritores sagrados e profanos, reconhecem no coração a fonte do amor.

Certamente o amor de Jesus simboliza o Coração Divino.

É a fonte de seu sangue derramado por nosso amor, é o coração do homem-Deus, do verbo encarnado. Deste coração brotam concretamente para todos nós os efeitos inefáveis e invisíveis da sua caridade.

O seu lado, aberto pela lança depois da morte para nos mostrar seu coração, e a ferida conservada no seu corpo glorioso,, tornam-no um símbolo tão suave, evidente, divino, que é impossível venerar o coração ferido sem recordar e venerar o seu imenso amor...

Oração

Senhor, criaste o homem à tua imagem e semelhança, e o constituíste acima das outras criaturas, imagem tua, capaz de conhecer-te e amar-te.

Mas o homem ingrato arruinou a si mesmo e aos seus descendentes com o pecado.

Prometestes que de ti nascerá um Libertador que se sacrificará pelo homem. Que grande amor!

Mas o homem mata o seu próprio Redentor e, na mesma noite em que foste traído, tu instituíste o sacramento do amor para comunicar-te com ele e para ficar com ele até a consumação do mundo.

Mas o homem se esfria, esquece até esse benefício, pisa sobre ele.

Então tu colocas diante dos seus olhos, bem à mostra, o teu coração ferido por causa dele.

Por que mostra-lhe o teu coração? Para desafia-lo a amar-te.

Entendo, Senhor, tu és o abismo de bondade, de caridade; o homem é um abismo de ingratidão e de maldade. O abismo de miséria chama o abismo de misericórdia.

(Panegírico ao Sagrado Coração – Ms 1755 - 1778)

Sem dúvida o sofrimento nos causa medo; seja ele físico devido à doença e ao progressivo envelhecimento do corpo que nos leva à morte, seja ele moral causado pela solidão, incompreensão, afetos negados, calúnias e ódio à nossa pessoa.

Por que comigo? Que mal eu fiz? O mundo não quer sofrer e precisa desprezar tudo o que é dor e sofrimento. A fé sustenta a nossa esperança com uma mensagem nova de que o sofrimento não é inútil. Com as palavras de Paulo, completo em mim o que falta aos sofrimentos de Cristo em favor da Igreja, nosso sofrimento se torna participação ao de Cristo em vista da salvação do mundo. Se alguém quiser ser meu discípulo, tome a sua cruz todos os dias e me siga.

4. AMOR À IGREJA

O período histórico no qual viveu São Gaspar foi para a Igreja tempo de grandes tribulações e purificações, mas também de grandes testemunhas.

A revolução francesa, como um terremoto, fez ruir estruturas eclesiais velhas e ultrapassadas, e eram necessárias urgentes reformas e reconstruções mais autênticas. Correntes culturais e religiosas abalaram o “castelo” da verdade. Napoleão, como um ciclone, transtornou as comunidades cristãs: prendeu o Papa, suprimiu ordens religiosas.

Nasciam um novo mundo e uma nova época. Pe. Gaspar foi chamado a desenvolver um trabalho de renovação radical.

Para isso se preparou com estudo intenso e demorado. Quando chegou o momento, preparado adequadamente, entrou em ação seguindo os caminhos que Deus lhe mostrava.

Pastoralmente São Gaspar adotou a linha escrita por ele mesmo através da figura estratégica de São Zeno. No panegírico ao santo bispo de Verona percebe-se claramente o projeto pastoral de São Gaspar: *destruir* para edificar.

Com mansidão e alegria

A estratégia pastoral realizada por São Zeno foi a de conquistar o coração dos pagãos com a mansidão e a alegria.

Prudente como uma serpente e simples como uma pomba,. Com o anúncio do evangelho, a espada afiada da palavra, soube vencer a luta contra o mal. Soube esperar com paciência as ocasiões oportunas para convidar à conversão os que estavam longe e os inimigos.

Jejum e oração a fim de abrir as portas do coração. Não pensou em salvar somente a si mesmo, mas, movido pela caridade, suportou tudo em paz para trazer todos a Cristo. A sua serenidade e alegria, mesmo nas perseguições, atraíam irresistivelmente os pagãos. Não obstante as calúnias e sofrimentos, ele permanecia em paz e a sua alegria atingia como uma flecha os corações de todos.

Na reta doutrina

Com os heréticos, até mesmo São Zeno, mudou de estratégia. Combateu a heresia com duas armas: a santidade de vida e a pregação da reta doutrina.

Santidade. São Zeno, além de sua santidade de vida, combatia vigorosamente a heresia graças a sua excelente preparação teológica, filosófica e científica. Os seus escritos evidenciam um vasto e profundo conhecimento dos mistérios da fé, na moral, cristologia, sacramentos, filosofia e ciências naturais. Ninguém conseguia resistir às suas argumentações.

Consolidando através da caridade

Com caridade e paciência, São Zeno consegue a vitória completa. Ensina ao povo de Deus o amor, perfeição e vínculo de todas as virtudes. Com seu exemplo transmite a caridade no coração dos fiéis. O amor os torna iguais.

Constrói a primeira igreja pública; funda o primeiro mosteiro de virgens consagradas; empenha-se em cultivar no povo todas as virtudes, para fazer de sua comunidade o templo do Espírito Santo, uma grandiosa morada de Deus. Através da pregação da palavra de Deus exorta à perfeição.

Seu amor à Igreja foi total e incondicional. Ele se manifestou ao conviver com as alegrias e dores no caminho da história, ao amar a Igreja como mãe que nutre seus filhos com a palavra de Deus, ao aprofundar a verdade da fé e transmiti-la, com exatidão, na mais profunda obediência à tradição, ao Papa, vigário de Cristo, e aos bispos.

“A Igreja, esposa de Cristo, é uma imagem viva da divindade, representando-lhe os traços principais: a unidade. A unidade, pela união e ligação das partes, constitui a beleza imutável e a força invencível da Igreja; bela como a luz, fulgurante como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha.”

(Gramática de São Gaspar n.148, Instrução)

“Ah, Senhor, fechai os ouvidos do nosso coração às vozes da serpente; abri nossos ouvidos às vozes de Pedro, a fim de que não sejam jamais corroidos os nossos sentidos nem desfeita a pureza da nossa fé, mas possamos exibir o nosso espírito qual virgem casta a vós, que sois o Esposo das almas fiéis.”

(Gramática n.170, Meditação no livro dos Reis)

“Devemos nos apoiar não na autoridade de um Monsenhor, mas na autoridade do Chefe da Igreja, sobre quem está edificada a casa de Deus, que é a coluna e o fundamento da verdade. Escutemos Cristo e o seu vigário.”

“Deve-se estar sempre pronto a obedecer à Esposa de Cristo e nossa Mãe que é a Igreja católica e hierárquica, excluindo qualquer juízo pessoal. Deve-se acreditar, sem nenhuma dúvida, que é o mesmo Espírito, o de Nosso Senhor e o da Igreja, sua Esposa, quem nos governa e conduz à salvação.”

(Ms 2685)

Devemos dar uma atenção especial ao respeito, adesão, amor e devoção à Santa Sé e ao Sumo Pontífice.

Pe. Gaspar referia-se ao Papa como a “primeira pedra” sobre a qual se apóia a Igreja de Cristo. Acompanhava apaixonadamente os acontecimentos, participava dos seus sofrimentos e de suas alegrias com amor filial.

Estudou e reproduziu documentos dos concílios e dos sínodos sobre o primado do Papa através de inúmeras páginas, com a intenção de escrever e publicar um livro apologético contra as heresias do tempo; livro que não conseguiu terminar devido à doença. Ofereceu ao Papa bens recentemente comprados para a sua congregação apenas iniciada. Lia os documentos da Igreja com a cabeça descoberta e de joelhos, e imprimia nos seus companheiros sacerdotes o respeito e a obediência ao Papa e ao Magistério.

Aos bispos de sua diocese, como sucessores dos apóstolos e chamados a dirigir a Igreja de Deus, demonstrava verdadeira veneração, especialmente obediência perfeita e mantinha estreita comunicação com eles. É conhecido o seu gesto de acolher um novo bispo colocando-se de joelhos diante de todos os sacerdotes, como resposta à frieza de alguns padres da diocese em relação ao bispo.

Nós também vivemos um tempo favorável à Igreja sob muitos aspectos: evangelização renovada, vivacidade, participação dos leigos. De outro lado, existem situações de muita dificuldade: confusão, carência de instrução religiosa, uma certa "silenciosa e tranqüila apostasia" na prática dos sacramentos, relativismo moral e a crise da família. Até mesmo a estrutura humana da Igreja é objeto de críticas e desafeto da parte de muitos fiéis (Cristo sim, Igreja não). O amor operoso de São Gaspar à Igreja, como mãe, mestra da verdade e modelo a ser imitado, é mais do que nunca atual.

5. ESPIRITUALIDADE ESPONSAL

A amarga experiência da separação dos seus genitores, concluída oficialmente uma semana depois de sua ordenação diaconal, causou-lhe uma dor muito grande, mas confirmou nele a certeza de um projeto de amor seguindo os desígnios de Deus.

À Marquesa Cecília Dionisi, freqüentadora assídua dos Estigmas, preocupada com a educação dos filhos e atormentada pela ansiedade de não fazer o suficiente, Pe. Gaspar escreveu:

"Esteja certa de que Deus Nosso Senhor abençoa estes cuidados, e no Paraíso dar-lhes-á, bem como a seu digníssimo marido, a consolação de ter ao seu lado seus filhos e filhas, cheios de méritos e virtudes. Este é o conforto para aqueles que servem a Deus em detrimento daqueles que servem ao mundo. Os servos do Senhor encontram quem prestou atenção não somente em suas dificuldades, mas até em seus pequenos suspiros; não somente..., mas também nas suas boas intenções. Eles serão recompensados acima de todas as expectativas e imaginações. Quem constrói tendo como fundamento a palavra de Jesus Cristo edifica a sua casa sobre uma rocha firme, que não cairá nem nesta vida e muito menos na outra. Que casa bonita, queridos pais, estão preparando para vocês e para seus filhos e netos na outra vida! Uma propriedade grande e rica! Todo tipo de dificuldade e tribulação na vida presente serão recompensados com uma glória incomensurável."

(Nello Dalle Vedove, São Gaspar Bertoni, Ed. Stimmgraf, Verona, 1989, p.213)

São Gaspar escolheu como pintura do altar-mór da Igreja dos Estigmas o mistério dos Esponsais da Virgem Maria com São José. Sua intenção era que os Santos Esposos fossem para os casais cristãos um modelo de família: vocacionados ao amor, fiéis ao projeto de Deus, chamados à partilha, abertos à vida e disponíveis a colocar Cristo, palavra de verdade, no centro da vida familiar.

"Pe. Gaspar promoveu a devoção ao mais santo dos esponsais com a intenção de que os seus filhos tivessem nos Santos Esposos seus mais valiosos protetores. Além disso, desejava que os casais cristãos tivessem no exemplo dos castíssimos Esposos a norma e o estímulo para toda virtude e, através da eficácia de sua proteção, obtivessem graças e bênçãos de que tanto necessitam para si e para seus filhos."

(Gaetano Giacobbe SA. p. 513)

Ao propor aos seus filhos a proteção destes santos patronos, São Gaspar desejava oferecer como modelo suas virtudes, que são a base do amor conjugal vivido à sombra do amor de Deus.

“Quem deu o nome a esta Congregação religiosa tenha sempre diante dos olhos a bem-aventurada Virgem Maria e São José, para aprender deles: o amor à pobreza, a aplicação à oração e à meditação; a prontidão à obediência também nas coisas difíceis e contrárias à natureza; a caridade para com Deus, a cuja glória devemos unicamente olhar; a caridade para com o próximo, cujo bem espiritual está pronto a zelar, mesmo a custo da própria vida.”

(Compêndio Marani, 1854; Gramática n. 352)

O mesmo espírito permeia os escritos de seus filhos, principalmente nos sermões feitos durante a Festa dos Esponsais na Igreja dos Estigmas, em Verona.

“Vós, casais, quereis uma norma que vos ensine a ser verdadeiramente felizes, no vosso estado, todos os dias da vossa vida? Aprendei com os Santos Esposos. Qual era o liame que tão estreitamente ligava o coração de ambos a Jesus? A caridade. A caridade fazia com que José nada economizasse para assistir à esposa e confortá-la; que realizasse incansavelmente o seu trabalho e suprisse com seus ganhos as necessidades da família; que tivesse para com a esposa tanta reverência, que lhe servisse com tanta solicitude, assistisse com seu cuidado, cautela e empenho.”

“A caridade fazia também que Maria, embora por dignidade infinitamente superior, sempre honrasse José como seu chefe, e aquela que era Senhora do céu e da terra se tornasse perfeitamente sujeita e obediente ao esposo; e na reverência e obséquio sobrepujasse todas as outras esposas, atentíssima em cumprir as obrigações de consorte e de mãe. Diligentíssima no trabalho com as mãos, sem perder nada do esforço para o progresso na perfeição espiritual; mas progredia na virtude enquanto vivia com o marido muito mais do que quando vivia no Templo.”

“Eis, ó casais, proposto neste exemplo o meio efficacíssimo para tornar-vos completamente felizes: a caridade. Esta caridade não dá lugar a suspeitos, é inimiga da inveja, foge das brigas, elimina o rancor, não se deixa enganar pela aparência e nem se cansa com o tempo, mas tem por indivisíveis companheiros: a fidelidade, a prudência, a docilidade, a paciência, a generosidade, a decência e a honestidade.”

**(Innocente Venturini,
Sermão em honra aos Esponsais de Maria com São José,
in Arquivo histórico Bertoniano, série 11, Sermões,
Verona, 1992, p. 151ss)**

Quantas vezes percebemos a surpresa, o entusiasmo dos leigos que atuam conosco quando tomam conhecimento da espiritualidade esposal, enfatizada pelo nosso fundador nos Esponsais de Maria e José!

Hoje, mais do que nunca, o casal cristão tem necessidade de construir sua vida sobre bases sólidas em vista de um amor contínuo e eterno. Este caminho de amor e unidade: “o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua esposa, e os dois serão uma só carne” só pode ser construído sobre um sólido fundamento de um amor humano feito à imagem e semelhança de Deus e vivido na ótica da espiritualidade esposal de uma profunda doação.

Em nossa Congregação existem várias experiências de grupos de leigos que estão sendo formados para descobrir e viver este aspecto significativo da espiritualidade bertoniana.

II – SÃO GASPAR BERTONI, SANTO PARA NOSSA FAMÍLIA RELIGIOSA

São Gaspar Bertoni é um dom para toda a Igreja. Para nós, principalmente, ele é um dom particular, um ponto de referência privilegiado, um modelo a ser contemplado em nosso caminho de santidade, em nosso apostolado.

O Espírito Santo o inspirou e lhe deu força para fundar uma família religiosa. A ele contemplamos como nosso pai, como aquele que nos gerou na Igreja como religiosos e apóstolos.

Cada um de nós, na sua caminhada espiritual, encontrou São Gaspar e decidiu juntar-se a ele na direção da santidade. Dentro da vida religiosa, exercendo um apostolado à luz da sua vida, de suas palavras, de seu exemplo.

A providência divina o colocou diante de nós, humilde mas gigante na sua vida de santidade, modelo de correspondência ao projeto de Deus. São Gaspar nos envolveu, como a tantos companheiros de sua época, no seu amor a Deus e à Igreja e, por isso, estamos unidos a ele e aos seus primeiros companheiros, desejosos de tornar nossa a sua vontade de conformar-se a Cristo e o seu ardor apostólico ao conduzir o seu projeto.

Nesta segunda parte retomo algumas características de nosso Fundador que reforçam o nosso ser de religiosos estigmatinos. É uma riqueza que quero partilhar com todos os confrades para revigorar o nosso espírito de pertença a esta família religiosa.

1. A COMUNIDADE DOS ESTIGMAS

Um sonho de muito tempo

São Gaspar, ao entrar nos Estigmas, com 39 anos, realizava uma de suas mais vivas aspirações, cultivada desde jovem: *fazer uma experiência de vida religiosa*.

O seu primeiro discípulo, Pe. Marani, referindo-se às origens da Congregação, escrevia que Pe. Gaspar “logo começou a escrever as regras segundo o costume dos religiosos (*more religiosorum*) de primeira observância e perfeitíssima vida comum, como era o desejo de todos nós”. (**Pe. Nello Dalle Vedove, *Vita di San Gaspare*, p. 188**).

Nosso fundador tinha um objetivo duplo: consagrar-se a Deus no caminho da santidade edificando, em uma vida comum, a própria perfeição, e reunir as forças necessárias em vista de um apostolado mais profícuo e duradouro.

Quando foi entregue a Pe. Gaspar o pequeno complexo dos Estigmas, o seu projeto começou a tomar forma. Finalmente poderia concretizar o sonho que Deus lhe vinha revelando aos poucos, de maneira muito clara: viver junto com outros que partilhavam a mesma vocação era uma grande graça.

Enfim, ele poderia efetivar o projeto divino: rezar junto, caminhar junto na direção da santidade, fazer junto o discernimento das situações e dos acontecimentos históricos e unir as forças para intervir nos pontos “sensíveis” da realidade de então: a formação do clero, dos jovens e a nova evangelização dos cristãos inseguros e influenciados por novas

doutrinas externas. *Ir a todos os lugares e colocar-se à disposição para ajudar os bispos na obra da evangelização.*

Mesmo com o mal-estar que lhe causa suas doenças, Pe. Gaspar não se descuidava dos seus compromissos. “Com uma mão – escreve o biógrafo – atuava na escola e em outros mistérios mais importantes, com outra se ocupava da instrução e da formação dos seus filhos espirituais que, a cada dia, mais se uniam a sua família religiosa.

Trabalhar juntos para o bem (hoje se diria “atuar em equipe”) sempre foi o estilo que São Gaspar praticou e comunicou a todos aqueles que se aproximavam dele. Tinha uma convicção profunda: na luta contra a “antiga serpente”, sozinhos somos facilmente derrotados, mas juntos nos tornamos mais fortes e eficientes.

PROCURAR – Primeira medida a ser tomada: é preciso congrega, reunir muitos operários do Evangelho sob o mesmo Espírito. A união faz a força. Enquanto estivermos isolados e cada um buscar o próprio interesse (cf. Fil 2,21), não obteremos nada, seremos vencidos um por um.

Quando nos unimos procurando os interesses de Jesus Cristo, então obteremos tudo, venceremos todas as coisas. Por isso Nosso Senhor dizia: *Peço-te, ó Pai, que sejam um como nós (Jô 17,11-21)*. É necessário não só “encontrar” os companheiros do próprio zelo, mas antes “faze-los”, e com certo sentido atraí-los a si, mesmo os mais tímidos. Quem escuta, diga: “Eis-me aqui”.

(Meditações aos clérigos do seminário, Ms 6576; Gramática n. 308)

SELECIONAR – Dever-se-á também examinar o propósito e a vocação de cada um. Não se tome qualquer um, mas os melhores, aqueles que se distinguem pelo seu amor para com Deus e para com o próximo; estes são escolhidos como companheiros de missão.

É oportuno formar, da massa dos bons, uma tropa de trabalhadores perfeitos na confissão da verdadeira fé e na prática de todas as virtudes, imitadores da vida apostólica; para que, com esta tropa bem compacta, se possa ir em socorro dos irmãos e à luta contra o demônio.

(Gramática n. 308; Ms 6583)

RECOLHER JUNTOS – Tanto a tropa como o chefe falarão todos com a mesma voz, tendo um só coração e um só espírito; e serão mandados a espalhar por toda parte a luz do Evangelho. Deste modo sejam reunidos os companheiros de missão com duas finalidades: recolher juntos e reunir a luz de muitos exemplos; e difundir por toda parte a luz da pregação.

(Gramática n. 308; Ms 6590)

O primeiro destaque a dar é o da alegria e serenidade com que os primeiros companheiros de Pe. Gaspar conduzem um gênero de vida dos mais rígidos e austeros. O santo Fundador faz de tudo para colocar sólidos fundamentos de vida interior nos seus filhos, quer que sejam *monges em casa e apóstolos fora*, dedicados à oração e ao estudo, para estarem prontos a comunicar às almas as riquezas adquiridas na contemplação. O isolamento dos Estigmas, localizado fora da muralha viscontea e sobre um pequeno monte, o transformava em um lugar solitário, adequado ao recolhimento. Quando os alunos iam embora, depois das aulas da tarde, o lugar se tornava deserto.

(Pe. Nello Dalle Vedove, Vita del Bertoni, p. 200)

Pe. Gaspar ainda não havia escrito “as regras, mas o seu exemplo – escreve o biógrafo – e a observância de suas palavras e conselhos valiam como regra e constituição”.

Eles ainda não eram considerados religiosos, mas viviam “com rigor a disciplina, bem como cada conselho evangélico era observado à perfeição, de tal modo que as pessoas

não podiam notar outras coisas senão que na mortificação de si mesmos eram excessivos e que se vestiam com muita sobriedade”.

Homem de esperança, Pe. Gaspar iniciou seu novo instituto quando, segundo as circunstâncias, era difícil pensar em um futuro diferente, além de ser proibido fundar novos institutos missionários. Deus havia colocado no seu coração este desejo e São Gaspar sabia que as promessas de Deus se realizavam, e contemplava com alegria Deus que age na história ocultamente.

Estamos em tempos muito escuros, e é preciso andar apalpando... O meu plano seria engrandecer-se, dilatar-se, preparar neste tempo o que se queria fazer em um outro, como fazem os atuais inimigos da religião...

E de resto esperando, como os discípulos no Cenáculo, o momento de sair.

(Ep. p. 110, n. 9401 e 9402; carta 87 a L. Naudet)

No entanto, não privemos a Igreja, nestas partes, daquele auxílio que se pode prestar, ainda que imperfeitamente, Um dia se poderá fazer melhor: por enquanto se faz aquilo que se pode.

(Ep. p. 152, n. 9559; carta 146 a L. Naudet)

Nada há que resista Deus; Ele é o único que faz tudo o que quer no céu e na terra.

(Ep. p. 115, n. 9421; carta 94 a L. Naudet)

Assim Deus prepara seus caminhos, deixando que os homens compliquem os deles. Convém ter uma grande fé e paciência, e nada mais é preciso para ver magníficas obras da divina providência.

(Ep. p. 45, n. 9215; carta 26 a L. Naudet)

Tempo virá em que serão desfeitos os laços das demoras, que a prudência ensina a observar, e a divina providência delas se serve para proteger o que quer, até que passe a nuvem.

No entanto, felizes os que esperam nesta divina providência. Eles nada têm a temer que obstaculize ou se interponha aos seus desígnios. Ela vai suave e fortemente, ao mesmo tempo dispondo cada coisa ao fim pretendido. Todas as coisas, sejam prósperas ou adversas, e as vontades boas ou más dos homens, servem igualmente a ela. *O Senhor faz tudo o que lhe apraz, no céu e na terra. Senhor, ninguém pode resistir a vossa vontade. Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam.*

(Ep. p. 29, n. 9158; carta 14 a L. Naudet)

Em um relógio, mesmo quando pára uma só engrenagem, estraga tudo. Ou se conserta ou se substitui. Quantas oficinas secretas tem Nosso Senhor nestes tempos, e trabalha e prepara as peças! Que belo dia quando Ele juntar todas e delas formar um todo organizado!

(Ep. p. 24, n. 9143; carta 11 a L. Naudet)

A comunidade de São Gaspar não teve uma vida fácil; havia problemas internos e externos. Contra Pe. Gaspar e seus companheiros foram levantadas calúnias e fofocas, até da parte de alguns padres, que pensaram que eles foram aos Estigmas para ter uma vida fácil e ociosa. Foram até mesmo ao bispo para denunciá-los. A vida santa, austera e apostolicamente empenhativa, foi a resposta silenciosa, forte e convincente que a primeira comunidade estigmatina soube dar.

Dentro da comunidade não faltavam os sofrimentos: a vida muito austera que desestimulava a entrada de novos candidatos, tensões comunitárias que levavam alguns a deixar o grupo, as doenças do fundador e de seus companheiros, a morte.

A fé forte e alegre de São Gaspar ajudava todos a perseverar. A proteção dos Santos Esposos, modelos de amor e de dedicação, infundia coragem e alegria, principalmente nos momentos difíceis. A contemplação de Cristo crucifixo era o apoio da comunidade.

A vida comunitária é, portanto, uma característica fundamental do espírito que São Gaspar transmite aos seus filhos. Ela é o contexto fundamental para poder ser apóstolos (monges em casa e apóstolos fora). É o espaço de luta da nossa Congregação em vista do próprio futuro de desenvolvimento e salvação.

“O escopo desta congregação é servir a Igreja por meio de múltiplos ministérios próprios do seu carisma, sob a direção dos bispos. Tal empenho, às vezes, é árduo e difícil, devido à fragilidade humana, e pode ficar exposto aos perigos. Todavia, o projeto de nossa dedicação não é, por isto, imprudente e arriscado. Primeiramente porque acreditamos que a sua realização não depende das forças humanas, mas da graça do Espírito Santo. De fato, aquele que iniciou e inspirou o projeto, ele mesmo o levará a termo, se não formos capazes de realiza-lo com nossas forças. Esta é, na verdade, a graça especial da nossa vocação, graça muito mais forte que qualquer tipo de perigo e dificuldade. Em segundo lugar, através deste programa, não estamos nos propondo a ficar expostos ao perigo, nem a ir a este ou aquele lugar, muito menos a realizar esta ou aquela atividade, mas a seguir as orientações do bispo colocado pelo Espírito no governo da Igreja. Este é, sem dúvida, um meio seguro para não errar no caminho do Senhor.”

“Finalmente, é responsabilidade da Congregação formar, avaliar e selecionar os candidatos, além de promover a manutenção e o crescimento deles com todos os meios disponíveis.”

(Constituição do Fundador 185)

Apresentamos aqui a admirável descrição que Pe. Schloer faz da comunidade dos Estigmas.

O seu superior, Pe. Gaspar Bertoni, homem de grande tino e piedade, sabe conduzir sua comunidade com tal suavidade de maneiras e com tal firmeza que um só espírito os anima e uma só vida, por assim dizer, em todos se difunde.

Se você conversa com eles, percebe que cada um, no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior, é um retrato fiel do outro. Se quer saber o que neles se torna principalmente digno de nota, direi que é a humildade, a caridade, o trato afabilíssimo.

Levam uma vida mortificada e de muita pobreza. O quarto de cada um e os móveis são extremamente simples; mas por toda a casa há um tal cuidado e ordem que dá gosto ver. Em particular a Igreja foi restaurada maravilhosamente e resplandece de beleza e limpeza. Na sua igreja os padres desta comunidade pregam toda semana e se aplicam muitíssimo ao ministério da confissão. Mantêm em sua casa uma escola, ou ginásio público, onde gratuitamente educam um bom número de jovens.

Não aceitam ofertas de quem quer que seja nem de espécie alguma. Um desinteresse tal, como convém a sacerdotes, atrai sobre eles um grande respeito da parte de todos. E verdadeiramente não saberia que nome mais conveniente dar a eles que *pérola escondida do clero veronês*.”

(Pe. Schloer Luís, *Filantropia della fede, Roma, 1840; citado no SA, p. 66 s; Gramática n. 203*)

Nosso último capítulo geral, ouvindo a voz das comunidades e de cada província, retomou o tema da importância da vida comum. Nossas Constituições atuais (cf. Const. 27.31.33.34) e as do Fundador (Cf. CF 221) recuperam de forma admirável o tema do nosso viver juntos. O trabalho apostólico (especialmente em determinadas províncias) nos conduz fora da vida da comunidade e nos faz perder de vista o motivo pelo qual estamos juntos e acabamos nos tornando bons apóstolos, mas religiosos medíocres. Esta realidade condiciona nossa santidade e a vitalidade de nossa congregação.

2. NOSSA CONSAGRAÇÃO A DEUS NOS VOTOS

Através da consagração, Deus nos chama e nos “separa” para uma missão particular. Desde então, todo o nosso ser fica inundado por Deus. *Você é todo meu* – ele nos diz – *you are mine; eu me uno a ti. Eu te dou o meu Espírito e te capacito para uma missão particular: levar Cristo a toda a humanidade.*

Nossa condição de religiosos, consagrados por Deus e para Deus, fundamenta o nosso pensar, falar, agir e as nossas escolhas. Eis o que significa para São Gaspar a consagração a Deus através dos conselhos evangélicos.

Muitíssimos seguem Cristo pela recompensa temporal. Mas o mercenário, quando chega à porta, recebe o seu dinheiro e fica excluído da casa.

Muitos seguem Cristo como servos, por medo. Estes o seguem, mas de longe, e estando longe não participam dos segredos do Senhor. *O servo não sabe o que faz o seu senhor* (Jô 15,15).

Alguns seguem Cristo como filhos, por amor um pouco interessado na herança. Mas os filhos são mais amados do que amam; e chegam às vezes a desprezar o pai quando ele manda fazer coisas contrárias aos seus gostos, ainda que justas e úteis, mas difíceis e árduas. Eu criei filhos e os eduquei; eles, porém, se revoltaram contra mim (Is 1,2).

Poucos seguem Cristo como amigos, que fundamentam seu amor na troca recíproca de bens. Quando diminui a doce influência destes bens e, ao contrário, se participa aos males do amigo, ele é logo abandonado.

Pouquíssimos seguem Cristo como amantes, onde quer que ele esteja, ou sobre o Tabor ou sobre o Calvário e, atraídos por seu perfume, correm atrás dele; mas não conseguem manter o seu passo nem competir em velocidade com ele que dá, não passos, mas sim saltos de gigante, percorrendo o caminho. *Exulta como um gigante* (Sl 19,6).

Mas a esposa adulta na escola do amor não é atraída pelo perfume, mas pela mão direita do esposo; e estreitando-se fortemente, e apoiando-se nele, caminha junto com ele e com ele não corre, mas voa, apoiada no seu amado (Ct 8,5).

(Sermão de São Francisco, Ms 1866 – 1868; Gramática n. 38)

O Concílio Vaticano II nos diz: *Os membros de todo Instituto... vivem somente para Deus* (PC 5^a.) Deus é o absoluto da nossa vida. Retomemos algumas notas do Memorial Privado que nos recordam que devemos colocar Deus como o absoluto da nossa existência:

Procurar somente Deus, ver Deus em todas as coisas, isto é tornar-se superior a todas as coisas humanas.

(Memorial Privado 30.07.1808)

Procurar somente Deus e nada mais, nem consolações, nem condescendência.
(*Memorial Privado 23.12.1808*)

Os votos não são senão um meio em relação à caridade, ela é o fim.
(*Ep. p. 109, n.9398; carta 85 a L. Naudet*)

Tanto nas congregações fervorosas como nas relaxadas existem defeitos; porém, nas primeiras eles são corrigidos e considerados abusos, enquanto que, nas segundas, eles são disfarçados e passam a ser usos e costumes.
(*Memorial Privado 23.07.1808*)

Através dos três votos colocamos a nossa vida inteiramente a serviço de Deus, a exemplo dos Santos Esposos, Maria e José.

Por meio do voto de **castidade**, em vista do Reino, oferecemos a nossa vida de consagração a Cristo; desejos, interesses, corpo, força, inteligência.

Qual o benefício em dominar o corpo com a abstinência, se a alma não se entrega à caridade para com o próximo? A caridade com o corpo não vale nada, se não é acompanhada da suavidade de ânimo.
(*Ms 3106*)

Em uma alma na qual entra a caridade foge a sensualidade.
(*Memorial Privado 17.08.1808*)

Por intermédio do voto de **pobreza** evangélica, aprendida de Cristo, nós nos tornamos dom partilhando nossos bens espirituais e materiais.

Para iniciar um empreendimento é indispensável que se tenha alcançado já grandes e heróicas virtudes: o capital necessário é a pobreza, depois todas as outras virtudes.
(*Memorial Privado 23.07.1809*)

O meio específico, porém, é o da pobreza, característica peculiar a um religioso em razão do voto, como São Basílio ensina esplendidamente: *No estado religioso – diz ele – todas as coisas são postas em comum: o coração, a mente, o corpo e tudo o que é necessário à sobrevivência e a este tipo de vida. Comum é Deus, comuns são as práticas de piedade e as fadigas.*

(*Constituições do Fundador 226*)

Com o voto de **obediência**, pessoal e comunitária, colocamo-nos totalmente disponíveis aos interesses de Cristo e ao projeto de salvação de Deus, que se nos manifesta nos projetos da congregação, de cada província e da comunidade.

Cristo se fez obediente por nós e se humilhou até a cruz. A obediência é o caminho seguro, é como um atalho na direção da perfeição. Assegurem-se do mérito de obedecer perfeitamente.

(*Ms 2188*)

Os chefes das nações têm poder sobre elas, e os grandes têm autoridade sobre elas. Entre vocês não deverá ser assim: quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se servidor de vocês (Mt 20,25-26). Na Igreja alguns são constituídos em autoridade para servir os fiéis e ser seus ministros, segundo as indicações de Cristo. Por isso, devem prover o bem dos outros mesmo a custo de renunciar aos próprios interesses; a ponto de, se necessário, estarem prontos a dar a vida por eles. São Paulo podia declarar de si mesmo: *Com todo o prazer eu me gastarei e desgastarei por vós (2Cor 12,15).*

(*Instruções aos Exercícios Espirituais Ms 3564-3568; Gramática n. 274*)

São Gaspar traçou nas suas Constituições o caminho para atingir a perfeita caridade; caminho que ele experimentou e viveu com os seus primeiros companheiros quando a sua Fraternidade não era ainda aprovada.

Seguir Cristo na radicalidade dos conselhos evangélicos é o ponto fundamental da nossa vida religiosa. Não podemos “pendura-los no teto” como alguma coisa “velha” do ponto de vista religioso, nem mesmo torna-los fúteis com sua prática amena e com interpretações que são frutos da nossa linguagem espiritual mais do que uma concepção correta. É através deles que se constrói a vida comunitária, a nossa santidade, a eficácia do trabalho apostólico.

3. O ARDOR MISSIONÁRIO E A GENEROSIDADE NO APOSTOLADO

Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns de qualquer forma (1Cor 9,22).

O ardor missionário era chamado de “zelo pelas almas”. O impulso missionário – afirmam todos os documentos da Igreja – se esfriou na Igreja. Uma não muito iluminada forma de respeito pela liberdade alheia colocou uma mordaca em muitos cristãos. Não se trata de fazer proselitismo, mas de testemunhar a Boa-Notícia a todos, a fim de que conheçam o Caminho da salvação.

Deus tanto amou o mundo – diz São João – que entregou seu Filho único, para quem crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Deus não enviou seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo se salve por meio dele. Aquele que crer nele não será julgado; o que não crer já está julgado por não crer n o Filho único de Deus (Jô 3,16-18).

O zelo pela salvação de todos nascia em São Gaspar da contemplação de Cristo Crucifixo, imagem do amor do Pai que nos entregou o Filho unigênito. O amante mais amável – como São Gaspar chama Cristo – nada reservou para si mesmo, mas, por amor, doou-se totalmente a suas criaturas.

Como guardar para si esta “notícia”? Como não se servir de cada encontro para proclamar em alta voz o Evangelho? O seu primeiro biógrafo escreve – *Da prisão com os condenados à pena de morte passa ao seminário, como de um convento de virgens a uma casa de recuperação de mulheres da rua. Por onde andasse a evangelizar, Pe. Bertoni era tudo para todos, um homem do Senhor, verdadeiro pai das almas, em uma palavra, o Missionário Apostólico e santo.*

São Gaspar nos deixa escrito nas Constituições:

Cada qual tenha diante dos olhos o exemplo de Cristo Nosso Senhor: ele manteve uma vida de contato habitual com os homens, comendo e bebendo com eles; porém, não só se esmerou nessa tarefa, mas, sobretudo, procurou vivenciar um estado de vida o mais perfeito em tudo.

(Constituições do Fundador 271)

Todos procurem ainda imitar o exemplo dos Apóstolos, os quais, como sabemos, viveram uma autêntica vida religiosa em busca da perfeição; todavia, mantinham familiar amizade com as pessoas e fizeram tudo para todos, a fim de ganhar todos para Cristo.

(Constituições do Fundador 272)

É preciso entrar na casa dos outros ao modo deles, para sair depois ao nosso modo.
(Memorial Privado 20.08.1808)

Finalmente, porque os ligados à vida terrena são, às vezes, mais propensos às preocupações materiais do que às espirituais, urge então descer um pouco até ao nível deles e, por meio de uma honesta conversa familiar, conquista-los e atraí-los para si, a fim de que, pouco a pouco, se disponham a ouvir também conversações espirituais. E ainda que, muitas vezes, tal conversa possa descambar para assuntos de somenos importância, contudo, ao serem tratados ou tolerados com esta intenção, não se tornarão inúteis, mas proveitosos e formativos.

(Constituições do Fundador 279)

Os caminhos do Senhor – os quais se serve às vezes de meios tenuíssimos e de fios santíssimos para entreter uma alma ou traze-la ao seu serviço, tirando-a do precipício onde se havia metido – são admiráveis e formam o objeto da mais doce contemplação.
(Memorial Privado 13.07.1808)

Não é preciso jamais abandonar os nossos amigos, por mais distantes e transviados que estejam; sobretudo se estão abandonados pelos outros bons. Isto é para eles um grande conforto para converter-se.

(Memorial Privado 13.07.1808)

Jesus dizia aos seus discípulos: *Vós sois o sal da terra e a luz do mundo* (Mt 5,13-14). O sal deve dar sabor, enquanto que a luz deve iluminar. O sal que não dá sabor e a luz que não ilumina porque está apagada ou queimada, não realizam o seu fim. O que causa espanto é a amplitude dos setores nos quais São Gaspar deu sabor à luz.

A. MISSIONÁRIO DOS JOVENS

Tu serás missionário das crianças – disse-lhe o seu pároco, que o via sempre disposto a todo ministério pastoral.

Também – responde São Gaspar – e começou com decisão a sua missão entre os jovens.

Diversas paróquias da diocese o chamavam para instituir os Oratórios Marianos.

O oratório e atividades recreativas depois das aulas foram somente uma parte da sua ampla ação pastoral.

Ele, por meio do ministério da palavra, chamava os jovens e os fiéis à conversão e ao testemunho de fé autêntica e vigorosa.

Quando Pe. Gaspar decidiu colocar mãos à obra, levou os primeiros meninos a um local no térreo da casa paroquial, onde era a biblioteca do pároco, porque não havia ainda outro cômodo mais adaptado na paróquia. Devendo retirar-se logo dali, por causa da reforma da mesma, quase como se não houvesse um lugar para eles na hospedaria (cf. Lc 2,7), foi colocar-se debaixo de um alpendre. Organizado o lugar do melhor modo, ali recolheu seus jovens, e ali teve princípios e forma aquele oratório mariano do qual tomaram norma e forma todos os outros oratórios; com grande proveito da juventude e de todas as paróquias que os acolheram e cultivaram...

Por isso dedicou-se a confortar seus jovens, a anima-los à humildade, à abnegação de si, ao amor à pobreza e à mortificação; em uma palavra, aquelas virtudes que Jesus nos ensinou tão eloqüentemente na mísera gruta de Belém. Ele era muito forte e muito constante para deixar-se abater por aquelas dificuldades, ou outras ainda bem maiores; certo como estava de que a obra agradava a Deus porque vinha dele.

(Gaetano Giacobbe, SA, p. 304; Gramática n. 331)

B. MISSIONÁRIO DO CLERO

Em 1810 o bispo pediu-lhe assumir a direção espiritual do seminário diocesano. Ele colocou no coração de tantos jovens eclesiais o seu amor por Cristo, a fidelidade à Igreja, ao Papa, o zelo pelas almas e o ardor pela missão *ad agentes*.

Como padre espiritual do seminário, purificou, animou, iluminou a vocação e a missão de tantos sacerdotes e seminaristas. Ajudou-lhes no caminho da santidade.

Desde então o seu trabalho entre os sacerdotes se intensificou: reunia-os, primeiramente, em sua casa e, depois, nos Estigmas, e para eles organizou encontros de estudo, onde se aprofundavam questões de fé, problemas morais, culturais e sociais. Com muitos deles estreitou laços de amizade e ajudava-os nos estudos de casos de moral e a perseverar na fidelidade vocacional. Cuidou dos mais frágeis e desanimados. Para todos tinha sempre uma palavra de esclarecimento e misericórdia.

Foi convidado a animar retiros espirituais ao clero de Mântua, onde suscitou grande admiração e obteve abundantes frutos de renovação.

Foi um conselheiro requisitado. Como confessor escutava em silêncio, ajudava o discernimento e anunciava a mensagem de Deus com firmeza e suavidade. A sua palavra dava esperança aos desesperados e sem confiança. Ajudava a interpretar os sinais dos tempos. Foi também confessor e diretor espiritual de fundadores e fundadoras de congregações religiosas.

Eis o ponto de vista sob o qual sempre vi Pe. Gaspar Bertoni, e, por esta minha íntima convicção, recorri a ele nas dificuldades encontradas para seguir o chamado divino à Companhia de Jesus. Os conselhos daquele homem guiaram-me no meio de tantas oposições, encorajaram-me entre tantos abatimentos, consolidaram-me entre tantas perplexidades; de modo que eu sempre reconheci como de Deus e de Pe. Gaspar o sumo benefício de ter chegado ao porto da vida religiosa.

(De uma carta de Pe. Antônio Bresciani, sj, ao Pe. João Maria Marani, datada de 17.01.1855; Gramática n. 247)

C. MISSIONÁRIO APOSTÓLICO

Pe. Gaspar não desperdiçava ocasião para anunciar o Evangelho, estimulava à conversão e à santidade todos que encontrava.

Ele gastou as suas melhores energias sacerdotais dando tudo de si ao ministério da Palavra, como ele mesmo recordou aos fiéis de Verona no sermão em honra de São Zeno em 1839: nos sermões, preparados com muito cuidado, estudo e oração; nas reflexões catequéticas, nos retiros paroquiais aos diversos grupos.

“Empenhei-me muito durante toda a minha vida preparando os meus discursos para comunicar-lhes os frutos de meu limitado conhecimento, exortando-os a agir bem e de modo perfeito, segundo o serviço que Deus me chamou a realizar. Ao mesmo tempo estou feliz por terminar minha “carreira” servindo e procurando satisfazer-los com tanto afeto e louvando.”

(MS, 2063)

São Gaspar foi um amante da unidade da Igreja. Agindo como um sentinela atento, ele cuidava para que os desvios doutrinários não tomassem conta dos fiéis e dos sacerdotes. “Foi um inimigo do jansenismo – testemunhou Pe. Antonio Pighi – e era de percebê-los como um cão em busca dos tartufos (iguaria refinada)., não hesitando em combater padres e religiosos promotores desta heresia e de atrair para si os ataques enraivecidos e públicos da parte dos jansenistas”.

O chamado divino mais comprometido veio em 1816, quando foi convidado a participar da missão na paróquia de São Firmo e Rústico, em Verona. A sua palavra penetrante e a sua disponibilidade - com muita probabilidade já conhecida em outras ocasiões semelhantes – garantiram-lhe a nomeação oficial de Missionário Apostólico: a Santa Sé o escolhia e o envia na diocese e no mundo.

São Gaspar viu neste reconhecimento uma indicação do céu, dando luzes ao projeto que há anos o Espírito Santo lhe havia colocado no coração: reunir um grupo de pessoas bem preparadas, que fossem testemunhas da vida luminosa, prontos a ir anunciar a Palavra de Deus em todos os lugares. Ou seja, um Instituto de Missionários Apostólicos *in obsequium episcoporum*, missionários que se dedicassem totalmente a Deus e à Igreja, livres de tudo.

A sua paixão missionária era contagiosa como todas as grandes paixões.

A graça do Espírito Santo criador é destinada a iluminar também os povos que ficaram afastados da fé. Vão sendo assim diluídas as trevas do erro, mediante a pregação da verdadeira fé, e vão sendo destruídas as obras do demônio com o anúncio do Evangelho. Infelizmente o caminho do Evangelho no mundo se torna muitas vezes difícil pela escassez de pregadores; por isso é necessário esforçar-se para promover a todo vapor o número e o fervor das vocações missionárias. Nos países não cristãos o caminho do Evangelho encontra talvez um obstáculo na falta de liberdade de pregação; para vencê-la é necessário um zelo sempre renovado e uma inexaurível paciência apostólica.

(Meditação sobre o Livro dos Reis, n. 20-23; Gramática n. 306)

Seus companheiros foram formados como Missionários Apostólicos em auxílio aos bispos; todos colocaram à disposição do Reino as energias espirituais, intelectuais e físicas que possuíam.

Muitas iniciativas missionárias encontraram em São Gaspar inspiração, apoio, encorajamento.

Olhando amplamente o compromisso apostólico de nossos confrades, encontrei aqueles que estão sempre ocupados com iniciativas novas, programando, atuando. Não existe dia ou noite, os anos passam, mas o espírito continua vivo como nos primeiros tempos.

Há outros, ao contrário, que, levados pela preguiça, cansaço ou desencanto, depois de algum tempo de trabalho apostólico, deixam-se levar pela rotina de uma vida comum. Estes constroem para si um pequeno ninho, com poucas atividades, e ninguém é capaz de removê-los desta situação.

A vida de São Gaspar nos convida a ser “inquieta” por causa de Deus, desejosos de que o seu amor seja conhecido entre todos os povos. As condições temporais e geográficas, às vezes, nos oferecem poucas oportunidades de atuar e trabalhar, mas o espírito deve estar sempre querendo ir além.

4. O APÓSTOLO DA CULTURA

Educado pelos padres jesuítas, favorecido por uma inteligência clara e uma memória brilhante, São Gaspar atinge, através de análise atenta, a síntese da verdade. Com a precisão de um escrivão, analisa, estuda, consulta bibliotecas, autores, conquistando um conhecimento vasto nas áreas eclesiástica e humana e uma síntese pessoal invejável.

São Gaspar foi um homem rico de sabedoria divina e de grande erudição. Todos conheciam o seu empenho em busca do conhecimento, desde o tempo de sua preparação ao sacerdócio e durante o resto de sua vida. Além dos campos teológico e moral, a sua cultura se estendia na filosofia, história, literatura, línguas clássicas e ciências naturais.

O objetivo dos seus estudos era eminentemente apostólico. A aplicação constante e metódica no aprofundamento da Patrística, dos comentários bíblicos, consultas às bibliotecas, fizeram-no conquistar uma clareza e uma lucidez mental que lhe permitiam evidenciar o núcleo dos problemas e se tornar capaz de solucioná-los.

Mantinha-se continuamente atualizado sobre as novas idéias e sabia intuir se se devia sustenta-las ou combater-las como perigosas e perniciosas. Era atento ao desenvolvimento do pensamento, estava sempre em contato com os estudiosos e homens de cultura, através da leitura ou encontros pessoais.

Sua grande experiência como confessor e conselheiro o incentivou a assumir a doutrina nova de Santo Afonso de Ligório. Ele foi um dos primeiros em Verona a estudar suas obras e a divulgá-las, para participar da luta contra o jansenismo. Era uma escolha corajosa naquele tempo, mas feita com os pés no chão e com muita atenção, ao bem das pessoas e à fidelidade ao magistério da Igreja.

“Deus é o Senhor das ciências (1Sm 2,3). Sem o auxílio dos conhecimentos naturais não se pode chegar à sublimidade das coisas espirituais; e eu ousou acrescentar que tal e tão delicado é o trabalho da obra da lei projetada que ele não poderá ser desenvolvido como se deve sem o sustento de uma grande cultura nos seus vários membros; e que o primeiro germe de corrupção das grandes obras de Deus será a ignorância ou – isto equivale em saber muito – ou saber mal, que é ter pedido o bom gosto.”

(Ep. p. 43, n. 9209; carta 25 à L. Naudet)

É necessário, portanto, que todos sejam bem preparados na teologia positiva e escolástica, especulativa e moral para esclarecer aqueles que se encontram nas trevas da dúvida; resistir aos assaltos das heresias; saber como dar explicações da própria fé cristã; resolver as dificuldades de moram que se apresentam e dar respostas satisfatórias a todos sobre tudo.

(Constituições do Fundador 50)

Nas Constituições 49-58 São Gaspar nos indicou os motivos que o influenciaram e que devem inspirar o nosso constante empenho com o estudo e a preparação.

Em vista de um anúncio encarnado é indispensável conhecer bem o interlocutor da nossa mensagem, a sua cultura e a sua história. Cristo, antes de falar em público, viveu trinta anos olhando, escutando, aprendendo, mergulhando na cultura e na história do seu tempo, para ler nelas – com os olhos voltados ao céu – o projeto do Pai, e levar a palavra exata, profunda, que penetra no coração.

São tantas as indicações de São Gaspar que acentuam a sua vontade de que sejamos homens de cultura. O estudo, o conhecimento das matérias teológicas e literárias são uma base fundamental ao nosso ser religiosos e missionários apostólicos. Se São Gaspar, em seu tempo, indicava aos seus o estudo até a idade de trinta anos, hoje não podemos abandonar a idéia de nos atualizar continuamente através da formação permanente. A cultura não é tudo, mas é um meio eficaz para a difusão do Evangelho. Não podemos usar a grande quantidade de trabalho apostólico como desculpa para permanecer na ignorância da fé. Como disse o apóstolo: Se alguém vos pede explicações de vossa esperança, estai sempre dispostos a defendê-la (1Pd 3,15).

CONCLUSÃO

12 de junho de 1853, dia da morte de São Gaspar. A Congregação era composta por 7 sacerdotes e 4 irmãos. Depois de alguns meses, diminui ainda mais.

Hoje 450 confrades fazem parte da família religiosa estigmatina. Estamos presentes em quatro continentes, falamos línguas diferentes, vivemos em culturas diferentes, mas estamos todos unidos pelo mesmo amor ao nosso Fundador: sua santidade, sua espiritualidade, propriamente porque é imagem de Deus, é católica e universal.

Não sabemos o motivo porque não temos um número grande de confrades. Deus certamente saberá. Somos herdeiros da santidade de São Gaspar e do carisma de Missionários Apostólicos a serviço dos bispos. Nossa tarefa é sermos fiéis ao dom que Deus nos deu e à missão de ser na Igreja e no mundo testemunhas e anunciadores da boa-nova em um mundo em mudança.

Concluo estas reflexões desejando um “Ano Bertonianiano” de graça para a nossa Congregação. A santidade do nosso fundador, como um novo respiro revigorante, contagia nossas comunidades e nosso apostolado.

Um abraço afetuoso

Pe. Meschi Andréa
Superior Geral

Pretória nord
Viceprovincia SS. Redentor
12 Junho 2002